

**XVII CONGRESSO DE
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CEARÁ**
Tecnologias da Educação: passado, presente, futuro



Anais XVII Congresso de História da Educação do Ceará. V.1, 2018, ISSN 2237-2229

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE: A ESCOLA NORMAL NOSSA
SENHORA DA ASSUNÇÃO – GUIMARÃES/MA**

Alda Margarete Silva Farias Santiago⁸⁰

Gisafran Nazareno Mota Jucá⁸¹

RESUMO

O presente artigo apresenta a relevância da Escola Normal Nossa Senhora da Assunção, em Guimarães/MA, para as trajetórias de suas ex-alunas, considerando a posição social das mulheres, e as características socioeconômicas do município. A escola favoreceu a construção da autonomia feminina, por meio da formação e inserção de mulheres no mundo produtivo e em demais espaços da vida pública, conforme os relatos orais das entrevistadas. Destaca-se aspectos sobre a materialização dessa Instituição, no tocante às condições físicas, organizacional, bem como às práticas educativas, os discursos circulantes, entre outras questões, que transformaram a escola em lugar de memória. As fontes orais subsidiaram esta pesquisa, que teve como base os estudos de Benjamin (1993), Pesavento (2008), Chartier (2009), Jucá (2011), Alberti (2005), Perrot (1990), Bosi (2003), entre outros.

Palavras-chave: Escola Normal. Formação Docente. Mulheres.

INTRODUÇÃO

⁸⁰ Doutoranda em Educação Brasileira – Universidade Federal do Ceará. Email: amf.santiago@hotmail.com

⁸¹ Pós- Doutor em História Urbana – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: gisafranjuca@gmail.com

O registro da história da educação em Guimarães, município maranhense distante, 430 km da capital, São Luís, apresenta grandes lacunas e a ausência de fontes dificulta as pesquisas, uma vez que a memória oral não alcança períodos tão longos, pois estamos falando de um município com mais de duzentos e cinquenta anos de existência. Os poucos registros encontrados não priorizaram a temática educacional.

Para realizarmos este estudo, apoiamo-nos na perspectiva da história cultural, por concordarmos com Pesavento (2008), ao afirmar que a presença da história cultural assinala, uma reinvenção do passado, reinvenção esta que se constrói na nossa contemporaneidade, em que o conjunto das ciências humanas encontra seus pressupostos em discussão.

Nesse sentido, a história cultural é entendida para além da análise exclusiva da produção cultural literária e artística oficialmente reconhecida, pois compreendemos que “toda vida cotidiana está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura. Ao existir qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura”. (BARROS, 2010, p. 57).

Assim, foi utilizado o enfoque metodológico da história oral, que decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. (ALBERTI, 2005, p.31).

Dessa forma, apresentamos as narrativas das ex-alunas da Escola Normal Nossa Senhora da Assunção, a fim de colocar em relevo a pertinência dessa instituição de ensino na vida das mulheres, em um período datado, os anos de 1960 em uma localidade marcada por profundo atraso social, econômico e educacional, no estado do Maranhão. Estado, que até os dias atuais apresenta os mais baixos índices de desenvolvimento social, conforme apontam pesquisas veiculadas em âmbito nacional, revelando assim, os reflexos dos modos de organização social com fortes raízes no modelo escravocrata que durante séculos presidiu a sociedade brasileira.

A ESCOLA NORMAL NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Lacroix (1982), ao apresentar o trabalho intitulado “Educação na Baixada Maranhense – 1822/1889” afirma que a educação formal inserida na região onde está localizado o município de Guimarães refletiu as relações de dependência social e econômica existentes e, ao mesmo tempo, produziu um complexo de regras que contribuiu para a manutenção do sistema vigente, situação que foi sendo consolidada em muitas regiões do País e remontam à colonização.

Nesse contexto, o ensino leigo em Guimarães, predominou por longos anos, especialmente nas residências de algumas professoras leigas, que improvisavam em suas residências, pequenas salas de aula, além de um Grupo Escolar na sede do município, situação que foi alterada pela vinda de missionários canadenses, no ano de 1955, especialmente, a Ordem Religiosa Nossa Senhora da Assunção da Santa Virgem, oriunda da Paróquia de Saint Gregoire Magno, atual Diocese de Nicolet – Canadá, que desenvolveu importante ação no campo educacional, com a criação de um Jardim de Infância, um Ginásio e a Escola Normal Nossa Senhora da Assunção, tendo esta última, significativo papel na trajetória de muitas mulheres por representar o adentramento destas na vida pública.

A Escola Normal Regional Nossa Senhora da Assunção, foi fundada no dia 15 de março de 1957 era mantida pela Associação Escolar e Beneficente “Nossa Senhora da Assunção”⁸². Sua fundação visava atender a um dos objetivos da Congregação, que era a formação de professores, tendo em vista que nesse período o município contava, majoritariamente, com leigos e leigas na força de trabalho docente.

A Escola era mista, porém a procura por matrícula foi maior por parte das mulheres. Assim sendo, a Primeira Turma da Escola Normal Regional Nossa Senhora da Assunção teve início no ano de 1957, composta por 22 (vinte e dois) alunos: 17 (dezesete) moças e 6 (seis) rapazes, após processo de admissão. A primeira turma (1957/1960) era composta de alunos e alunas do próprio município, e somente nos anos seguintes é que a escola passou a aceitar estudantes de outros municípios, sobretudo dos municípios pertencentes à Prelazia de Pinheiro, à qual Guimarães estava circunscrita.

Com o passar dos anos, a procura foi aumentando em função da demanda gerada pelos jovens de municípios vizinhos; as moças sempre em maior número. Ao lado da docência feminina, a docência masculina contribuiu para a ampliação do quadro masculino nas salas de aula e nos setores administrativos das escolas municipais na região da Baixada Maranhense. No caso da segunda turma (1958/1961), esta composta por 26 (vinte e seis) alunos; 19 (dezenove) mulheres e 07 (sete) homens.

A Escola era integrada à comunidade, fato que despertou a atenção dos moradores, pois a concepção que tinham sobre as “Escola de Freiras” era a de um lugar fechado, ainda mais uma Escola Normal, mais especificamente destinada a moças, cuja formação deveria ser prioritariamente no interior da escola.

Além disso, outros espaços iam sendo consolidados pela participação dos alunos e da comunidade, como o Teatro Guarapiranga e o Grêmio Victor Asselin, possibilitando a todos a

⁸² A Associação Escolar e Beneficente “Nossa Senhora da Assunção” foi criada para gerir os recursos financeiros da Escola e era composta por Professores, Religiosas, Pais e Alunos.

sedimentação de uma nova cultura advinda do pensamento da missão canadense, em contraposição aos modelos de organização social vigentes no país com reflexos em Guimarães.

A fundação desta Escola significou, portanto, um importante marco para o município de Guimarães, especialmente para as mulheres, pois, anteriormente, só aquelas pertencentes às famílias abastadas tinham a possibilidade de ingressar no Curso Normal, na capital ou em outros Estados. Com o surgimento da escola, as mulheres ganharam, além da ampliação da escolaridade, a possibilidade de inserção no mundo do trabalho formal pela profissionalização docente, tendo em vista que as profissionais recém-formadas representavam a maior força de trabalho absorvida pelo próprio empreendimento educacional criado pelas Irmãs da Assunção.

A partir do ano de 1966, em consonância com as alterações previstas nas determinações legais, a então Escola Normal Regional Nossa Senhora da Assunção foi designada apenas “Escola Normal Nossa Senhora da Assunção”.

A vinculação desta Escola às orientações oficiais (leis, decretos e pareceres), que esboçavam intencionalidades políticas e ideológicas, ou seja, intervenções que refletiam no âmbito escolar diferentes modos de pensar e fazer educação, não impediu o surgimento de um modo peculiar de organização e funcionamento nessa instituição de uma matriz ideológica, que, mais tarde, foi consolidada na dimensão do Concílio Vaticano II (1962-1965), o qual colocou a pessoa humana no centro das prioridades sociais, considerando que

Todos os homens, de qualquer raça, condição e idade, por força da dignidade da pessoa, têm direito inalienável à educação [...]. A verdadeira educação, porém pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e ao mesmo tempo, ao bem da sociedade de que o homem é membro (GRAVISSIMUM EDUCATIONIS, 1997, p. 323-324).

A Escola Normal Nossa Senhora da Assunção é uma parte importante da memória cultural do município de Guimarães, desde a sua fundação em 1957. Mesmo passando por inúmeras transformações, mantém características que resistem ao tempo e a consagra como um lugar de lembranças, tensões, contradições, encontros, desencontros e os demais componentes que configuram um espaço educativo real, considerando que,

A escola é espaço e lugar. Algo físico, material, mas também uma construção cultural que gera “fluxos energéticos” [...] todo espaço é um lugar percebido, a percepção é um processo cultural. Representações de espaços que se visualizam ou contemplam, que se rememoram ou recordam, mas que sempre levam consigo uma interpretação determinada. Uma interpretação que é o resultado não apenas da disposição material de tais espaços, como também de sua dimensão simbólica. (VINÃO FRAGO, 2001, p.78).

Assim, além dos aspectos referentes ao funcionamento do Curso Normal, procuramos identificar nos discursos das ex-alunas quais eram as ideias circulantes acerca dos papéis masculinos e femininos naquele ambiente escolar, se havia alguma preocupação com as desigualdades nas relações entre os sexos e quais os encaminhamentos assumidos pela escola, tendo em vista a complexidade das funções docentes. Para Chartier (2009), as percepções do social não são discursos neutros, mas produzem estratégias e práticas (sociais, escolares e políticas).

No contexto dessas complexidades da função docente, destacam-se as concepções sobre o ser homem ou mulher e as singularidades atribuídas a cada um no contexto escolar permeado por valores conservadores, expressos nas práticas cotidianas, desde o controle do que se pode ou não falar e pensar, até a divisão dos espaços escolares.

AS NARRATIVAS DAS EX-ALUNAS

As informações acerca da experiência das mulheres durante os anos de formação na Escola Normal Regional Nossa Senhora da Assunção indicam uma variedade de lembranças e sentimentos que esclarecem e confundem ao mesmo tempo. De modo geral, a memória predominante é a de um período marcante pelas novas formas de sociabilidade, a participação em atividades variadas e os laços de amizade ali estabelecidos.

Conforme Nora (1984), a memória e a história estão longe de ser sinônimos e é preciso que tomemos consciência de tudo o que as opõe. A memória é a vida, sempre produzida pelos grupos que vivem e, sob esse aspecto, está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível de longas latências e frequentes reutilizações. A história é a reconstrução sempre incompleta e problemática do que não é mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no presente eterno; a história, uma representação do passado.

Então, procuramos compreender como os discursos influenciaram na construção das identidades, a partir de regimes de verdade, em que se situam o processo de subjetivação, e analisamos os conhecimentos construídos e apreendidos durante a formação profissional, a partir das relações discursivas nesse processo. Para Foucault (1987, p.53), essas relações caracterizam a língua que o discurso utiliza, não as circunstâncias em que ele se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática.

Bosi (2003, p. 45) esclarece que “a construção da narração inscreve-se na subjetividade e estrutura-se num tempo que não é linear, mas num tempo de consciência de si e das representações que o sujeito constrói de si mesmo”. A trajetória profissional da maioria das entrevistadas teve início no Jardim de Infância, no Ginásio e na própria Escola Normal, nas atividades docentes e administrativas, no início dos anos 1960, onde puderam, a partir dali, construir as suas identidades.

Para Dubar (1997), as identidades sociais e profissionais não são expressões psicológicas de personalidades individuais nem produtos de estruturas ou de políticas econômicas que se impõem a partir de cima, mas, são construções sociais que implicam a interação entre trajetórias individuais e sistemas de emprego, sistemas de trabalho e sistemas de formação. Portanto,

É fundamental enfatizar que não se entende o sujeito *professora* como uma substância ou identidade homogênea, possuidora de uma ciência única, a qual é preciso encontrar. Estaremos lidando com a diversidade, travestida por um discurso que tende a tornar uno o que é múltiplo, dinâmico e muitas vezes incongruente. Em outras palavras, trata-se de fazer emergir a riqueza do heterogêneo, geralmente abafada pela força de um mesmo que busca se impor, especialmente por práticas discursivas apoiadas em múltiplas redes de poder. (FISCHER, 2005, p. 68).

Nesse sentido, os relatos das ex-alunas trazem as marcas do que viveram na escola e em outros espaços de formação e das pessoas com as quais conviveram. Assim entrevistamos quatro ex-alunas e elegemos nomes de pedras preciosas para identificá-las no curso deste trabalho, onde narram suas experiências na escola.

Desse modo, Turmalina, Esmeralda, Jade e Safira destacaram as oportunidades que tiveram com a obtenção do diploma de normalista, sobretudo como alunas das primeiras turmas, pois não havia outra escola no município nem na região capaz de ofertar o ensino secundário com a formação docente.

A minha formação na Escola Normal não foi romantizada, embora a figura da professorinha dos anos 50 remetesse a isso. Talvez por serem estrangeiras as Irmãs nos anteciparam aquilo que Paulo Freire, mais tarde, teorizou sobre a formação de professores, ou seja, uma prática consciente e contextualizada pelas vivência. Eu trago isso até hoje na minha vida e tem dado certo. (Safira).

Na Escola, tivemos a oportunidade de transitar pelos labirintos que levam à verdadeira formação docente. Ao término do curso, senti-me preparada para assumir a minha primeira sala de aula, já como profissional pude colocar em prática o aprendizado adquirido lá, e apesar dos imensos desafios enfrentados, tinha consciência daquilo que estava fazendo. (Jade).

A minha entrada na Escola Normal representou também um ganho social para a minha família; constantemente eu era convidada a participar das festividades, tinha voz boa, sabia declamar poesias. Formei-me professora, passei a ganhar um salário, que mesmo não sendo tanta coisa, ajudava nas despesas de casa e ainda comprava bons tecidos e mandava fazer vestidos ao meu gosto. (Turmalina).

Conciliar vida familiar e trabalho docente não foi fácil. O crescimento profissional de uma mulher não depende apenas da sua vontade e de seu empenho, tem todo um conjunto de situações que envolvem isso, no meu caso, trabalhar em três turnos foi durante muito tempo a solução para manter financeiramente uma família, composta de um marido cujo rendimento mensal era irrisório, filhos pequenos e ainda esticar o tempo para realizar tantas tarefas. O balanço de tudo isso resultou no divórcio que tirou de mim o compromisso de demonstrar uma falsa situação: a de que o meu companheiro era o provedor da casa; isso era muito comum na minha época, marido ir à quitanda pagar o caderno do mês com o dinheiro do salário da esposa professora. Apesar da formação religiosa que me sustenta, a separação me fez sentir inteira, a decisão foi planejada por mim com cuidado e respeito, avaliando vários cenários. Nesse sentido, a minha profissão foi fundamental porque pude me organizar com autonomia e viver outras felicidades. (Esmeralda)

E sobre o convívio da coeducação entre os/as normalistas, Turmalina afirmou:

Foi uma escola para pessoas reais e não imaginárias, quebrou muitos tabus em Guimarães, homens e mulheres sentavam, planejavam aulas juntos em uma sala sem vigilância. Namorávamos, claro que com alguns cuidados, nada demonstrativo, mas também não havia proibição. (Turmalina).

Além dessas questões, enfatizamos as dificuldades pessoais apontadas pelas mulheres, tidas como inerentes à condição feminina, visto que sua inserção no mundo do trabalho foi sempre marcada por obstáculos decorrentes das percepções sociais que incidem, também, sobre as relações trabalhistas, as quais, acentuam as desigualdades existentes entre homens e mulheres, “pois na concepção do patriarcado, as mulheres são uma dimensão a ser explorada e controlada” (Sorj, 1998, p.96).

E sobre a contribuição da Escola Normal Regional Nossa Senhora da Assunção, no processo de reflexão sobre a dominação masculina, assim nos revelou Safira:

A Escola foi muito importante para a minha vida, mais ainda para nós mulheres, ali éramos desafiadas a refletir sobre nossa submissão em relação aos homens, e olha, que naquele tempo ainda nem se falava com tanta intensidade sobre os direitos das mulheres. Mas as Irmãs, principalmente a Irmã Gertrudes, que era a responsável pelo Convento, sempre tratavam esses assuntos que hoje se tornaram comuns: a saúde, os cuidados com o corpo, a prevenção, as condições de trabalho. Todas essas coisas que naquele tempo até causavam espanto. De modo que a nossa formação era abrangente, viva, nós éramos os sujeitos naquele processo e a nossa prática não foi diferente. (Safira).

Bruschini e Lombardi (1996) enfatizam que a entrada de mulheres no mundo do trabalho é também resultado das mudanças da ordem econômica, demográfica e cultural, vez que o conjunto de reestruturações econômicas, política e social que o capital vem operando trazem em si inúmeras alterações objetivas e subjetivas sustentadas por um vigoroso arcabouço político e ideológico.

Desse modo, o patriarcado é ressignificado e continua a sustentar a divisão sexual do trabalho, aqui considerado na sua dupla dimensão: trabalho produtivo, realizado pelo homem e trabalho

reprodutivo realizado pela mulher. Por oportuno, destacamos que este último nada mais é senão o conjunto de atividades, sem as quais a reprodução humana e do cotidiano não estariam asseguradas (Lellis, 2008, p. 26).

Na atividade produtiva formal, a educação foi o fator propulsor para a inserção de mulheres, mas também convém registrar as desigualdades enfrentadas pelas mulheres professoras, sempre submetidas a uma sobrecarga no cotidiano que lhes retira da vida um tempo que poderia ser aproveitado para a ampliação dos estudos, investimentos na carreira, no lazer e no cuidado de si.

Por outro lado, o permanente processo de qualificação docente não tem sido suficiente para reverter as situações de opressão e subalternidade enfrentadas pelas profissionais que constantemente têm as suas subjetividades capturadas pelo excesso de trabalho invisível e não pago, tendo em vista que esta categoria não esgota o trabalho em seu tempo determinado e local de origem, pois muitas professoras exercem atividades em mais de uma instituição. Com isso, o excedente de trabalho profissional soma-se ao trabalho doméstico e a outras atribuições da vida privada.

Assim, reconstituir o passado acerca da formação docente em Guimarães/MA se configura como um desafio, por implicar compreender e também refletir sobre as condições de instalação e os impactos produzidos pelas experiências desenvolvidas, neste caso, pela Escola Normal Regional Nossa Senhora da Assunção e seus reflexos na realidade atual.

Ademais, contar a história de uma instituição educativa, por meio das narrativas de seus sujeitos, objetiva conferir a sua identidade cultural e educacional, estabelecida nos princípios do trabalho pedagógico desenvolvido, numa espécie de cartografia de significados e suas repercussões no itinerário histórico da cidade, bem como as alterações produzidas, as práticas e os modelos influenciando outras instituições.

O outro aspecto a ser destacado, é que o foco do trabalho das Irmãs era a promoção humana, e à educação caberia a formação e transmissão de valores morais, religiosos e sociais, podendo conduzir as pessoas ao desenvolvimento e à reflexão sobre sua própria vida e o seu meio. Desse modo, percebe-mos porque o papel da escola “não se limita ao exercício das disciplinas escolares é, à imagem das finalidades correspondentes, um conjunto complexo que não se reduz aos ensinamentos explícitos e programados” (CHERVEL, 1990, p. 178).

O município de Guimarães, se tornou então, um promissor polo educacional. A busca pela educação transformou a rotina da pequena cidade; rapazes e moças de municípios vizinhos buscaram a escola, a qual, embora tenha tido sua autorização de funcionamento sob o regime de externato, tal demanda forçou a criação de internatos para os (as) alunos (as), provenientes de outros municípios,

sendo o Seminário São José destinado à clientela do sexo masculino e a Escola da Fé à do sexo feminino. Ressaltamos que o internato feminino funcionava em dois espaços distintos, o primeiro para as jovens da escola Normal, e o segundo, para as adolescentes da escola primária. No entanto, na Escola Normal, ambos os sexos dividiam a mesma sala de aula, ou seja, a coeducação era outro componente importante naquele ambiente educativo.

Das diversas atividades ali desenvolvidas, sobressaem os ciclos de estudos sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos, além da criação do jornal Horizonte de Notícias, um importante veículo de denúncias sobre temas violadores da dignidade humana, como a expulsão de camponeses da terra por atos violentos de grileiros. O jornal de circulação semanal noticiava também as atividades de evangelização desenvolvidas pelas pastorais na sede e nos povoados do município, com destaque para o movimento das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs e as atividades culturais no teatro e nas comunidades.

Como podemos perceber, a Escola era estimulada pelas religiosas a ser um permanente laboratório de práticas democráticas e igualitárias, e aí reside o mérito da educação ofertada por elas com o decisivo apoio dos padres integrantes da Missão que, mesmo dedicados a outras atividades, eram ativos colaboradores da obra educacional.

Vale lembrar também que os recursos para construção, custeio e manutenção das atividades eram provenientes da Diocese de Nicolet e de mutirões, resultado das grandes mobilizações populares, como a construção da Escola e de postos de atendimento ambulatorial. Tudo isso causou profundo incômodo aos representantes do poder local, visto que antigas práticas políticas passaram a ser questionadas, pois o modelo presente nas ações legislativa e executiva baseava-se no clientelismo.

O modo de atuação das religiosas diante da situação de descaso em que o povo se encontrava coincidiu com outro grande momento histórico da Igreja Católica, que por ocasião da Assembleia dos Bispos em Medellín (Colômbia), reafirmou a decisão de participar ativamente do cotidiano popular, saindo dos grandes conventos e renunciando ao uso do hábito religioso, buscando desta forma maior identificação com o povo, como recordam suas antigas alunas:

Ao contrário da ideia sobre a rotina de alunas de escolas religiosas, nós sempre participávamos de muitas atividades fora da escola [...] nossas tarefas eram o planejamento das atividades escolares e preparação para as visitas às comunidades com as religiosas. (Safira)

Assim, após transitarmos pelas memórias de nossas entrevistadas, por elas narradas, percebemos a importância das experiências adquiridas na Escola para a construção de seus objetivos pessoais, bem como para a sua vida profissional. Novos modos de ser, que foram sendo incorporados

pela capacidade de redimensionamento de ações que resultaram em bem-estar, autoconfiança e autonomia para essas ex-alunas, hoje, senhoras. Para Jucá (2011), o importante é reconhecer que mais atuante do que a tipologia das fontes disponíveis, na construção do conhecimento histórico é a força da subjetividade expressa na maneira de interpretar o conteúdo coletado.

CONCLUSÃO

A Escola Normal Regional Nossa Senhora da Assunção foi um marco tanto para o município de Guimarães quanto para a Baixada maranhense, tendo em vista o seu pioneirismo, principalmente no que se refere ao conteúdo formativo ministrado, que significou a ampliação e inserção de mulheres na vida social, por abordar questões do cotidiano, de modo a provocar e a incitar mudanças, que, de certo modo, influenciaram o município como um todo. Neste a situação de atraso social era acentuada pelo isolamento geográfico, pela ausência do poder estatal e prevalência de um pequeno grupo político local que agia em benefício de seus próprios interesses, num período (segunda metade do século XX) em que as notícias chegavam pelo rádio e a principal via de acesso à capital, São Luís, era a travessia marítima em precárias embarcações.

A instalação dessa Escola Normal imprimiu, portanto, perspectivas novas no município, com a chegada de estudantes de outras localidades, mas também pelos eventos promovidos por aquela instituição, que propiciavam o envolvimento de todos. Isso fez surgir uma nova cultura, um tanto mais consoante com os acontecimentos que ocorriam no País, de modo que a situação de isolamento foi sendo gradativamente alterada.

Vimos que, para além das orientações curriculares, as alunas puderam vivenciar experiências que as ajudaram a imprimir um diferencial em suas práticas profissionais que iam ocorrendo simultaneamente à sua formação, nos espaços do Jardim de Infância e no Ginásio, criados para esse fim. Tais experiências baseavam-se, também, no envolvimento e na participação nas situações do cotidiano da escola e do município como festividades, mobilizações sociais e ações em prol do benefício comum.

A participação, esse rico componente cultural, nem sempre visível no currículo oficial prescrito pela Escola, porém muito caro à Ordem Irmãs da Assunção da Santa Virgem, tendo em vista que o seu princípio essencial era a educação na perspectiva da autonomia humana, foi o acesso principal das mulheres às conquistas de direitos e reconhecimento como sujeitos de protagonismo nos espaços sociais. Assim, evidenciamos aspectos da constituição da identidade docente,

considerando que essas mulheres são pessoas singulares, atravessadas por uma identidade de gênero e pelas experiências vividas no percurso da vida que se segue.

As vozes das ex-alunas revelaram o lugar que cada uma vivenciou, o que representou, e ainda representa, a passagem pela Escola Normal Regional Nossa Senhora da Assunção, reforçando a ideia da valorização do indivíduo no processo de pensar e narrar sua trajetória que, por sua vez, não se dá desarticulada da história de outros sujeitos, nem dos espaços e tempos em que estão inseridos.

Percebemos também como individualmente lidaram com as limitações e interdições impostas, em geral à condição de mulheres professoras e as dificuldades para conciliarem a vida conjugal/familiar com diversas atividades. Quanto à formação oferecida pela Escola Normal e às relações de gênero ali construídas, o que verificamos foi que esta instituição, embora não tenha rompido totalmente com o estabelecido, tentou implantar o novo, e não se dobrou à força externa que percebe a mulher como um ser de menor potencial, suavizando com isso, o processo educativo sexista.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BENJAMIN, W. “**Teses sobre a filosofia da história**” em Obras Escolhidas, vol. I. São Paulo, Brasiliense, 1993.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares. Teoria & Educação**. Porto Alegre, nº 02, p. 177-229, 1990.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Trad. Annette Pierrette R. Botelho e Estela Pinto Ribeiro Lamas. Porto. 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Grall, 2000.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana**. Fortaleza: Premium, 2011.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A Educação na Baixada Maranhense: 1828-1889**. SIOGE, São Luís, 1983.